

LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO

Por Guiomar Fanganiello C.

La producción de sentido está ligada al tipo de selección lexical hecha por el emisor (autor); es la operación onomasiológica. En el caso del texto literario, el autor elabora una creación metafórica cuyo origen se debe a un sema común. El lector por medio de la operación semasiológica la identifica. El autor de este artículo invita a apreciar el uso de la palabra «sangre» en el texto poético de Jorge de Lima, *O grande desastre aéreo de ontem*.

Palabras claves: polisemia semántica, lectura, unidades lexicales, poesía.

A produção de sentido de um texto está intimamente relacionada com a seleção lexical operada pelo emissor (autor), em termos onomasiológicos. No caso do texto literário, o autor elabora uma criação metafórica, cuja origem se deve a um sema comum, e que está identificado pelo receptor (leitor) mediante um processo inverso, o semasiológico. A exemplo, apreciaremos a uso da palavra *sangue* no texto *O grande desastre aéreo de ontem*, de Jorge de Lima.

Palavras claves: polissemia semântica, leitura, unidades lexicais, poesia.

The transmitter (author) through lexical selection produces meaning: the onomasiological operation. In the literary text, the author creates a metaphor stemming from a common sema. The receiver (reader) understands the metaphor through the semasiological operation. The author of this article offers an analysis of the word «blood», in Jorge de Lima 's piece of poetry, *O grande desastre aéreo de Ontem*.

Key words: semantical polysemia, reading, lexical units, poetry.



A produção de sentido de um texto está intimamente relacionada com a seleção lexical — entre outros elementos — operada pelo emissor (autor), em termos onomasiológicos. Graças ao pleno domínio do conteúdo de sua comunicação e à sua competência linguística, o emissor (autor) procura operar as restrições de sentido

das disponibilidades lexicais, para construir um discurso mais próximo de suas intenções comunicadoras. Para tanto, busca, normalmente, uma monossemia discursiva. Elabora, no caso do texto literário, uma criação metafórica, cuja origem se deve a um sema comum, por ele selecionado e também identificado pelo receptor (leitor), mediante um processo inverso, o semasiológico. (cf. Navarro, 1991)

Assim, a partir de uma polissemia semântica “inscrita no sistema da língua”, própria de toda LN, ocorre uma segunda polissemia, a do discurso ocasional, fabricada uma única vez pelo poeta. Tal fenômeno se deve à predisposição privilegiada dos

morfemas de língua à polissemia e ainda à disponibilidade aberta em nível dos semas virtuais. Cabe ao receptor (leitor) descodificar não apenas uma lexia, mas um conjunto delas, todo um texto, mediante múltiplas

leituras, a miúdo metafóricas, ou leituras de diferentes níveis no enfrentamento da ambigüidade discursiva. (cf. Navarro, 1991)

A fim de observarmos a polissemia de língua e a monossemia do discurso, no que se refere à seleção lexical e seu papel no contexto, apreciaremos a uso (comportamento) da palavra sangue no texto: *O grande desastre aéreo de ontem*, de Jorge de Lima.

A exemplo de todos os nomes comuns, a palavra sangue pode remeter a vários sentidos. Para o estudo dessa polissemia de língua, apresentamos as acepções dicionarizadas para o artigo (ou verbete) sangue, nos dicionários Aurélio e Melhoramentos:

Assim, a partir de uma polissemia semântica “inscrita no sistema da língua”, própria de toda LN, ocorre uma segunda polissemia, a do discurso ocasional, fabricada uma única vez pelo poeta.

AURÉLIO

1. Líquido normalmente vermelho que corre pelas veias e artérias, formado de plasma, glóbulos vermelhos e glóbulos brancos e que serve à nutrição e purificação de organismo.
2. Fig. A vida, a resistência.
3. Fig. Família, prole, geração, progênie, raça
4. Suco, sumo.
5. Mênstruo.
6. Teol. Natureza em oposição à graça.

MELHORAMENTOS

1. Bio. Líquido vermelho composto de plasma e glóbulos vermelhos e brancos, que circula através do sistema vascular principal dos animais vertebrados, conduzindo matéria nutritiva e oxigênio aos tecidos do corpo.
2. Bio. Qualquer líquido de função e composição semelhantes em um animal invertebrado.
3. A vida ou a existência humana.
4. Casta, estirpe, raça familiar.
5. Progenitura: filho ou filha, prole.
6. Seiva.
7. Mênstruo.
8. Teol. Natureza (opõe-se à graça)
9. Ferimento.



Como se pode observar, o Aurélio oferece-nos um total de seis acepções para sangue, enquanto que o Melhoramentos nos oferece nove. Verifica-se que a apresentação ordenada dos sentidos tem um ponto de partida comum. Daí podermos falar em um sentido de base, ou fundamental, de natureza biológica, para sangue:

“Líquido vermelho que corre pelas veias e artérias e que serve à nutrição e purificação do organismo.”

A comparação dos demais sentidos registrados evidencia que os sentidos 2, 5 e 6 do Aurélio correspondem respectivamente aos sentidos 3, 7 e 8 do Melhoramentos. Quanto ao item 3 do Aurélio, que diz respeito à família, acha-se subdividido em 4 e 5 no Melhoramentos. Note-se que este último acrescenta o sentido 9, não previsto pelo Aurélio. Cabe ainda considerar que o Aurélio registra em 4 os sentidos suco e sumo que podemos aproximar do sentido 6 do Melhoramentos, qual seja, seiva, embora suco e sumo sejam mais apropriados para frutas e seiva para plantas.

Devido a essa polissemia de língua,

pode ocorrer uma possível ambigüidade na recepção da mensagem. Para a percepção do sentido das palavras, além da sintaxe, faz-se necessário recorrer ao contexto, à situação e às experiências do falante (emissor ou receptor).

A falta de uniformidade na apresentação dos valores de sangue permite-nos agrupá-los de acordo com suas afinidades. Deve-se ressaltar, entretanto, que, no plano formal, sangue é um substantivo. Pode, porém, funcionar como adjetivo em lexias (compostas) do tipo vermelho-sangue, tiê-sangue, etc., sem que se operem modificações semânticas dignas de comentário.

Neste trabalho, restringiremos nossa análise ao item lexical sangue substantivo, por ser o único a corresponder às categorias sintáticas utilizadas no texto.

Os valores de sangue, reagrupados, podem ser codificados como Se1, Se2 ... para facilitar as comparações e as explicações, como segue:

Se1	a) ser animal 1. humano 2. não humano b) ser vegetal	natureza Se III Se3
Se2	família	lesão Se IV Se4
Se3	natureza	
Se4	lesões	

Temos para o significante sangue vários significados provisionais com ele vinculados que podem ser agrupados em:

Se I	(em torno da idéia de ser animal)
Se II	(em torno da idéia de família)
Se III	natureza
Se IV	lesões

Assim resulta:

ser animal	
Se I	Se1 a,1, 2; b
família	
Se II	Se2

Deduzimos que, em sincronia, estamos diante de uma polissemia em Se I, já que temos um sema comum — líquido.

Conclui-se que sangue se aplica à natureza em geral: é o líquido responsável pela nutrição e purificação do organismo. O campo de experiência, entretanto, não o limita ao reino animal (vertebrados), porque por extensão de significado abrange “qualquer líquido com função e composição semelhantes em um animal invertebrado”, ocorrendo ainda um alargamento de sentido, aí incorporando o reino vegetal. Isto se torna possível devido ao fato de ser o sangue, a marca de vitalidade do ser animal em geral (humano e não humano) e à possibilidade de conotação positiva de “existência humana” ou “vida” por procedimentos associativos.

Estudando a polissemia de Se I, temos os semas líquido, contínuo, coloração vermelha, entre outros.

Observada essa polissemia de língua,



procederemos à leitura do texto. Numa primeira leitura, o texto não nos parece ambíguo, embora tenhamos vários sentidos disponíveis para cada uma das palavras utilizadas. Por conseguinte, no ato de ler, ocorre um mecanismo permanente de desambiguação. Assim, no discurso, cada palavra passa a ser interpretada, como ele próprio o deve ser, por blocos, sintagmas nominais, verbais, circunstantes. Por esse motivo, as ambigüidades não permanecem por muito tempo em suspenso. Pode-se, contudo, realizar um exercício consistente, como propõe Mme Pottier Navarro (1991), para descobrir sucessivamente cada palavra, a fim de construir uma compreensão linear que tenda à monossímia.

Observemos o uso de sangue em nosso texto.

A partir do sema comum a sangue e a arrebol, qual seja, a “cor vermelha”, o emissor (autor) transfere o sangue do humano para a atmosfera. Opera-se um deslocamento espacial do solo terrestre, onde se localizam os seres

animais, no caso os humanos, para o espaço acima do solo, para onde faz convergir a matéria “identificada”, apesar de “irreconhecível”, com:

1. “Vejo sangue no ar, (...) arremessadas na explosão.”

Esse deslocamento é reiterado por:

2. “Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires.”

E ainda, na conclusão, em que o poeta invoca os amigos:

3. “Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.”

Aproximam-se, no texto, duas realidades a explosão e o arrebol pelo uso do lexema sangue.

Opera-se uma restrição do sentido de sangue, pois os conceitos em jogo têm lugar em campos de experiência distintos, o que permitirá leituras em diferentes níveis.

Em “Vejo sangue no ar”, a presença de circunstante no ar elimina a

possibilidade da escolha de qualquer um dos sentidos dicionarizados. Aí evidencia-se o sema de cor vermelha, confirmado pelos itens lexicais explosão e arrebol.

Numa leitura linear compreendemos que o poeta vê a cor vermelha no céu e, com base em sua experiência, recria a realidade da explosão, numa mostra patética da morte, visualmente concretizada pela interrupção dos ideais humanos, simbolizados em poetas mártires (pessoas que lutaram por um ideal). Dada a natureza e o objetivo deste trabalho, não exploraremos os procedimentos lingüísticos responsáveis pela quebra dos ideais no texto.

Na reiteração do fenômeno, em 2, lê-se:

- “Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires.”

Temos agora três ocorrências da palavra sangue.

Considerando os antecedentes explosão e corpos irreconhecíveis, registrados no texto, e o circunstante de cair, qual seja, nas nuvens (“batizadas pelo sangue dos poetas

mártires”), somos levados pela experiência a rejeitar agora o sentido de vermelho. Sangue passa a ter conotação negativa, traduzindo morte, tragédia, etc.

Numa leitura ainda linear, sangue, na primeira ocorrência, passa a significar tragédia (morte); na segunda, mortos (almas) e na terceira, a própria morte.

Desta forma, pela concretização visual da explosão x arrebol, em que sangue se desloca do plano humano para o celeste, pois este paira sobre as “nuvens de Deus”, o poeta faz convergir a matéria “identificada”, apenas pelo “Grande Reconhecedor”, apesar de “irreconhecível”, para um plano superior.

Em nível de leitura, que não a linear, mas do texto literário, com base em experiência (filosófico-religiosa), chega-se à compreensão da reflexão do poeta sobre a igualdade pós-morte, graças à antítese dos caracterizadores irreconhecíveis x identificados.

Em 3,

- “Chove sangue sobre as nuvens de Deus(...)”

a reiteração intensifica a idéia de morte, tragédia, e o sentido de sangue



se equipara ao de mortes.

A fim de levar à reflexão sobre o acontecimento, o poeta acrescenta o comentário, talvez uma advertência, que provoque a reflexão do leitor, no intento de fazê-lo penetrar além das aparências ou das visões de superfície com relação à própria vida, ao afirmar enfaticamente:

“E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.”

O texto, ao transfigurar a realidade, permite-nos captar os diferentes ângulos dessa mesma realidade, possibilitando uma visão mais profunda do objeto de sua representação.

Entretanto, em nossa primeira leitura, ainda linear, pudemos observar que elementos contextuais e dados da experiência contribuem para a desambiguação dos itens lexicais, permitindo-nos afirmar que há uma monossímia discursiva.

Esquematizando o procedimento do autor temos:



O estudo das unidades lexicais, neste trabalho, restrito à palavra-chave sangue, evidenciou que essas unidades significativas podem ser analisadas em diferentes níveis. Podem ser vistas enquanto pertencentes a sistemas paradigmáticos ou quanto a suas realizações dentro de múltiplos contextos, quer dizer, podem ser observadas em seu quadro paradigmático ou em seu quadro sintagmático, apreciadas enquanto monemas, grupos de monemas, frases, gêneros literários, etc. (cf. Baldinger, 1970). A observação do comportamento da palavra sangue permitiu-nos ainda destacar a importância do léxico, como mediador, na produção de sen-

tido do texto literário, contribuindo para a compreensão e para a interpretação da mensagem, em seus diferentes níveis de leitura.

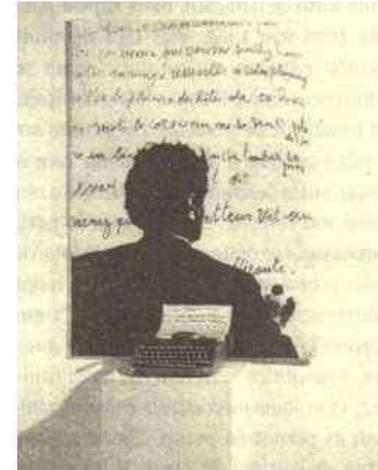
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDINGER, Kurt. *Teoría semántica. Hacia una semántica moderna*. Madrid, Alcalá, 1970. *Dicionário Melhoramentos da Língua Portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1977.

FERREIRA, Aurélio B. DE H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1 ed. 12a. impressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

LIMA, Jorge de. *Poesia*. Org. por Luiz Santa Cruz. 3.ed. Rio de Janeiro, Agir, 1975.

NAVARRO, Huguette Pottier. *La polissemia léxica en español. Teoría e resolución. Versión española de Segundo Álvarez Pérez*. Madrid, Gredos, 1991.



Le Corbeau et le renard (1968)
Marcel Broodthaers

O grande desastre aéreo de ontem Jorge de Lima

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista, em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradivárius. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu úl-



Guiomar Fanganiello C.

timo salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o pára-quadras, e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranqüila e cega! O amigo, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.

NOTAS SOBRE EL AUTOR

Profesor de la Universidad de Sao Paolo



Les roses sanglantes (1930)
Salvador Dalí

